

PARA ALÉM DOS PROBLEMAS URBANOS EM SALA DE AULA

Bruna Lopes Gomes

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo - UFBA

brunalg@ufba.br

Gustavo dos Santos Cirino

Graduando em Geografia - UESB

gustavocirino.geo@gmail.com

Por muito tempo as práticas pedagógicas na escola formal têm seguido uma lógica onde aquele que possui conhecimento (professor) o transfere para o despossuído (aluno). Na Geografia isso é bastante recorrente, visto que muitos conteúdos são uma lista de informações (ex: tipos de clima, formas de relevo, problemas urbanos, movimentos migratórios, e o massacrante “estados e capitais”). Com isso corre-se o risco de pensar que inteligência é um vasto repertório de informações memorizadas. Com este trabalho pretende-se ir no sentido da construção da inteligência, ou seja, construir um conjunto de boas estratégias cognitivas e investigativas. Ensaia-se um modo de mediação em sala que aborde os temas tradicionais da disciplina, mas que o faça de modo instrumental e não como um fim em si mesmo. A intenção é que, ao tratar desses temas, o maior objetivo não seja transferir um conjunto de informações, mas treinar certas estratégias cognitivas e investigativas a fim de que se tornem hábitos e que os estudantes possam evocar em outras situações. Para fins de demonstração, elegeu-se os problemas urbanos como conteúdo escolar a ser ensinado. Buscou-se por videoaulas e por livros didáticos para observar qual abordagem costuma ser utilizada ao tratar desse conteúdo com os estudantes. Após isso, empenhou-se em desenhar uma abordagem que, abdicando da exposição pura, privilegiasse a aprendizagem ativa mediada por provocações que catalisassem a discussão, como na maiêutica socrática. Para entender o que são problemas urbanos, antes, seria necessário estabelecer uma base sólida de vocabulário: o que é “problema”, e o que é “urbano”, para alcançar o que são “problemas urbanos”. Digressões desse tipo, que soam inúteis, servem para cultivar bons hábitos intelectuais como o de estranhar os termos familiares e buscar refinar definições e conceitos. A capacidade de nomear as coisas não pode ser banalizada, e se coloca no centro deste ensaio de ensino-aprendizagem. O plano didático formulado teria início questionando o próprio material didático: Por que alguns problemas urbanos são ditos “ambientais” e outros “sociais”? Essa nomenclatura dicotômica faz sentido? Quem define essas nomenclaturas? Essa discussão se encaminharia para a clássica separação entre geografia física e humana, ao ponto em que fosse superada. Uma outra parte do plano procura extrair dos alunos um conceito para “problema”, a partir de algumas características tidas como essenciais: (i) o incômodo, pois todo problema

XI SEMANA DE FILOSOFIA

4 a 8 de Dezembro

*Filosofia e Diversidade
conhecimentos e perspectivas na
Filosofia e na Educação*



é uma experiência negativa para alguém, constatação que abre a possibilidade de discutir sobre alteridade; (ii) a solução, pois os problemas por si mesmos são geradores da necessidade de resolvê-los, o que possibilita uma discussão sobre causalidade; e (iii) a dificuldade, pois os problemas podem se enfileirar em um efeito dominó, criar ciclos que se retroalimentam, emaranhar-se no tecido urbano de modo que é impossível intervir em um sem tangenciar outro. Conclui-se que a Geografia, como qualquer outra “disciplina”, pode (e deve) ser um meio para um fim maior: treinar o pensamento e criar apreço por ele.

Palavras-chave: Ensino de geografia, aprendizagem ativa, mediação, construtivismo, problemas urbanos.